

Votando com sentido

02/11/2022

Maria Clara Bingemer
teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Acordei na segunda-feira, 31 de outubro de 2022, com a sensação de espanto e a surpresa dos sobreviventes. As eleições haviam acontecido e o Brasil tinha novo Presidente. O ar parecia mais puro e era possível respirar. O medo se fazia longínquo e a vida retomava seu curso. Lula era o presidente.

O tempo que precedeu esta segunda-feira foi de muita dor. O estresse era geral e agudo. As pessoas viviam tensas e amedrontadas. E de que tinham medo? Que o pesadelo que já durava quatro anos continuasse. E seguisse. E se perpetuasse.

As mensagens de ódio e violência se sucediam na internet, amigos rompiam relações, familiares se afastavam. A divisão – sinal claro e inequívoco segundo a Bíblia cristã do sufocamento do Espírito da paz, da alegria e do amor – reinava impune, separando, fragmentando e destruindo.

Na véspera do pleito, o fôlego e o alento eram artigos raros, luxo para poucos. A ansiedade fazia o ar espesso e irrespirável. Nada parecia fazer sentido na angústia de não dar certo o imenso esforço de tantos para superar o momento vivido que se arrastava. O horizonte em vez de aproximar-se, fazia-se mais distante e fugidio. O desânimo se agigantava e crescia a letargia que não permitia esboçar sequer um gesto, um suspiro, pronunciar uma palavra.

À noite, decidida a tentar dormir, fui olhar pela última vez o computador. Ali tudo mudou. Li as palavras: “Honre os mortos com seu voto”. “Vote por eles e por elas”. “680 mil pessoas não são um número.” E tudo começou a fazer sentido. Não, não era possível que tudo aquilo tivesse sido em vão. Não era possível que o desprezo e o pouco caso que foi cuspidos em cima da dor de mães, de filhos e filhas, de irmãos e irmãs, pudessem vencer. Não era possível que os mortos que não puderam ser chorados e homenageados permanecessem sepultados e que sua memória fosse uma e outra vez pisoteada e escarnecida pela insensibilidade cruel que tomou conta do país durante e após a pandemia, ceifando, além de vidas, a dignidade e a honra dos sobreviventes.

O que foi dito ao profeta Ezequiel diante dos ossos ressequidos em que se tinha transformado a casa de Israel enquanto atravessava o exílio foi repetido a meus ouvidos: “Filho do homem, poderiam esses ossos retornar à vida?” Sentia-me tão desprovida de fé quanto o profeta, mas a pergunta era insistente. E o coração escutava mais que os ouvidos.

Foi então que aconteceu uma profunda comunhão. Eu não estava mais sozinha, debatendo-me com um voto em cuja eficácia não acreditava. Comigo estavam eles e elas. O padre jovem e dedicado, colega de docência, que morreu logo no começo da pandemia porque não abriu mão de distribuir alimento para os pobres de sua paróquia. A mãe da amiga que disse à filha na porta do hospital “Fala para seu pai não se preocupar não. Já já volto para casa”. E nunca mais foi vista nem ouvida pelo esposo desolado e pela filha em prantos. A menina de 15 anos que a televisão mostrou em foto, ao mesmo tempo em que revelava o desespero dos pais ao saber que não havia resistido ao vírus.

Estavam igualmente os médicos cuja face já fazia uma unidade indissolúvel com a máscara cirúrgica e que, às vezes, não suportavam e choravam. Ou caíam doentes eles também.

E eram levados junto a seus pacientes para o misterioso país das lágrimas, deixando atrás o grito de dor e o desespero impotente dos seres queridos. Estavam todos, uns e outros, eles e elas.

E os que queriam abrir os caixões, os que se debruçavam sobre eles, fechados sobre os rostos amados. E os que sufocavam em Manaus enquanto o oxigênio não chegava. E os que se deitavam no chão das enfermarias porque leitos não mais havia.

E a enfermeira Mônica, que qual nova Eva, deu à luz a esperança, filha menor do Bom Deus ao receber em seu braço a primeira picada salvadora da vacina graças à teimosia de um governador que enfrentou as forças do mal.

Votar por eles e por elas. Com eles e com elas. Isso tinha sentido, fazia todo sentido. Realizar o gesto de pressionar a tecla que se uniria a tantas outras e que significaria o fim da barbárie e a nova estação da liberdade e do cuidado com a vida. Os mortos não eram destinados à cova escura como pretendia o discurso abominável de quem os tratou com desdém e frieza. Estavam vivos e eram multidão. Eles ganharam essa eleição. O Brasil nunca poderá pagar a dívida que com eles contraiu.

O Deus da vida que permitiu aos ossos dos israelitas exilados readquirir força e vigor fez ouvir sua voz e sentir a força de seu braço no Brasil. “Ó meu povo, vou abrir os vossos túmulos; ...Sabereis, então, que eu é que sou o Senhor, ó meu povo, quando eu abrir os vossos túmulos e vos fizer sair deles, quando eu colocar em vós o meu espírito para vos fazer voltar à vida...”

Com todos esses filhos do povo brasileiro, votamos com sentido. Que o Senhor da vida nos permita, a partir de agora, viver com sentido, experimentando em nossa boca o agrídoce sabor da liberdade e reconstruir a memória e a alma desta combatida nação.